# INTRODUÇÃO

*«"(...) só investigamos de verdade o que nos afeta" (Gramsci, 2002)*
*e afetar vem de afeto».*
(MARTÍN-BARBERO, 2004).

Cresci com a minha avó a contar estórias da terra da "chuva tropical", do "cheiro a barro", do "subir às árvores"... O meu bisavô foi mais um dos inúmeros portugueses que, a meio do século passado, se instalou na "África portuguesa" para montar negócio. Enquanto ele ficou por lá mais de trinta anos, a minha avó apenas morou na Guiné-Bissau até aos cinco anos. Foi o suficiente para que os cheiros, imagens e experiências ficassem cravados no seu corpo. Passou-os para mim. Cresci com um imaginário associado a um lugar em que nunca estive.

Meu pai era jornalista na época em que Portugal era ainda país colono. Até hoje ouço as histórias do seu envolvimento nos movimentos anticolonialistas, utilizando as suas viagens ao estrangeiro para fazer chegar a Portugal propaganda de partidos revolucionários africanos. Apenas uns anos antes do meu nascimento, viviam-se os tempos agitados da Revolução de 25 de Abril de 1974, revolução querida pelo povo, que veio acabar com o regime ditatorial e afirmar a independência das antigas "colónias": Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Desde cedo na minha educação fui sensibilizada para o contato com outras culturas, entendimentos e realidades de mundo. Estudei em escolas públicas, viajei desde pequena, visitei, brinquei e relacionei-me com outras realidades diferentes da minha. Apesar de viver numa cidade pequena, arranjava maneira de contornar esses limites, não só através de viagens nas férias do verão, mas também do grande universo que a TV apresentava: novos estilos, corpos, culturas e linguagens artísticas.

Penso que são muito difíceis de objetivar, a nível pessoal, as condições de florescimento de determinado interesse. É sempre uma mescla de todas as experiências e, muitas vezes, é um instante decisivo.

Um instante decisivo foi o que me trouxe para a Bahia com o intuito de estudar dança afro-brasileira, pensava eu na época. Para trás tinha ficado um percurso tradicional na dança que tinha começado aos seis anos com ballet, passando pelo moderno, contemporâneo, barra no chão, etc. Em 2005, três anos antes de decidir sair do país, tive,

porém, uma experiência que ia ser o meu *turning-point* na dança e o trampolim necessário para assumi-la como prioridade, o que me encaminhou até Salvador. Conheci algo que me foi apresentado como "dança africana".

A primeira vez que vi "dança africana" foi nas *performances* de rua do festival de Avignon (França), em 2001. Contudo, foi apenas em 2004 que descobri esse tipo de dança no meu país. Inicialmente, frequentei aulas e aí fui conhecendo pessoas que já atuavam nesse meio, sendo assim convidada para alguns projetos e participando no mesmo ano de uma residência de dois meses com a Companhia Raiz di Polon (afro-contemporâneo) em Cabo-Verde.

Na época, mesmo tendo conhecido a "dança africana" há relativamente pouco tempo, já sentia que era uma experiência radicalmente diferente da dança que conhecia até então. Havia diversos aspectos que me faziam identificar com este tipo de dança: a qualidade mais livre, o movimento com sentido, isto é, o movimento que queria dizer algo, criando, dessa forma, espaço para a expressão pessoal, para que cada corpo interpretasse o movimento a seu modo. Assim, no meu percurso, o encontro com esta linguagem de dança tornou-se muito mais do que um encontro com uma mera técnica de dança, me possibilitou uma outra vivência / experiência do que é ou pode ser a dança.

Atuei durante três anos como intérprete-criadora do grupo Semente e um ano com o grupo de músicas e danças africanas Djamboonda. Dei aulas de "Afro-contemporâneo" (2007) procurando já uma reinterpretação deste estilo de dança. Tanto no contexto docente como na atuação profissional, iam surgindo algumas questões: um estranhamento por "falar" uma "língua estrangeira", uma rejeição de entender dança como mera "colagem de ´passos´" e um questionamento em relação aos estereótipos, generalizações, exotismos que as propostas neste âmbito evidenciavam... procurava outra forma de me relacionar com este conhecimento.

Essas acabaram por tornarem-se as questões gérmen da pesquisa de Mestrado em Dança, geradas pela experiência de intérprete, criadora e professora de danças africanas em Portugal, e também circunscritas nas reflexões realizadas na Especialização em Estudos Contemporâneos em Dança (UFBA, 2008), e nas vivências no Curso de Educação Profissional Técnico em Dança na Escola de Dança da FUNCEB (2008-2010).

Para além disso, a experiência de imigrante numa cidade como Salvador foi decisiva para amadurecer e "corporificar" o tema deste livro. Destaco a importância de estar imersa noutra cultura diferente da minha; por ironia, um lugar em que falam a "minha língua", mas com um outro sotaque. Isso trouxe-me, logo desde os primeiros

tempos, a possibilidade de usar outros termos e tempos verbais, de reenquadrar as minhas perspectivas, de ver através de outros olhos. Desde sempre e ainda hoje um lugar de passagem, a Bahia é a "terra da mistura" e das contradições, onde deixa de ser possível identificar contornos e fronteiras. Ao mesmo tempo, a Bahia, Terra-de-todas-as-Diferenças, "lembra-te" constantemente em que és "diferente": mais branco/preto, mais rico/pobre, mais "culto"/menos "culto" etc. Devido às diversas etnias africanas que foram trazidas à força e obrigadas a sobreviver desmanteladas, esta é também, por natureza, uma terra em que existe uma "ferida aberta" muito grande em relação ao sistema colonial, sendo igual e progressivamente, um contexto de afirmação e valorização da comunidade negra.

Para o estudo deste tema contribuiu em muito estar inserida num ambiente em que convivem já há vários séculos diversas influências culturais africanas, contatando com os cheiros, as imagens, os movimentos e os modos de ser. Entendi no corpo que a única forma de mergulhar mais profundamente na complexidade destes espaços de tensão e ambiguidade que são os espaços interculturais, é viver neles, senti-los, navegar nas contradições e na instabilidade que os carateriza. Foi essa a experiência mais rica que a Bahia me deu. Mas a vivência intercultural deu-se não só com o estar numa cidade como Salvador, mas por me relacionar, neste lugar, com pessoas das mais diversas realidades sociais, por dar e receber, desconstruindo preconceitos em mim e nos outros, por reconhecer e conseguir rir das nossas diferenças, e por me sentir estrangeira/ "diferente", experiência essencial para captar o sentido de alteridade... Assim, a interculturalidade passou a estar em mim, no meu "saber de experiência feito", tornando-se mais do que um mero tema de interesse. Ao longo do processo transformador que é o exercício da pesquisa, remexi muitas gavetas, rearrumei coisas, alterei conceitos, e re-signifiquei outros. Apesar de a minha visão ser, essencialmente, uma visão ocidental e europeia, observo que a vivência há três anos numa das terras "mais africanas fora de África" tem contribuído para novas descobertas e contaminações.

No desenrolar desta investigação, definiram-se como foco os diálogos interculturais nas danças africanas em Portugal, que se estabelecem com e no corpo. Pretende-se, com isso, investigar como as práticas pedagógicas e artísticas de dois profissionais que atuam nas cidades de Porto e Lisboa problematizam os diálogos interculturais entre determinados países da África Ocidental e Portugal. A popularidade crescente das danças africanas no espaço português e as inerentes questões sobre

colonialismo e pós-colonialismo trazem consigo dinâmicas interculturais que modificam o cotidiano, o corpo e o mundo dos indivíduos envolvidos nessas trocas.

O problema inicial que motivou a pesquisa "De que forma duas propostas artísticas e pedagógicas de danças africanas em Portugal problematizam o fluxo de informações entre essas culturas?" se desdobra em outros interesses como o papel da dança nas trocas interculturais, ou, as transformações que se dão no corpo e no entendimento de mundo, decorrentes de sujeitos portugueses estarem a praticar danças africanas. Para averiguar tal realidade, foram delineados os seguintes objetivos:

- Pesquisar como as práticas pedagógicas e artísticas de dois profissionais que atuam nas cidades de Porto e Lisboa apresentam o diálogo cultural entre África Ocidental e Portugal;

- Identificar quais tipos de informações estão contidas nessas práticas e como estas informações se articulam na relação intercultural;

- Analisar como são efetivadas as propostas artísticas e pedagógicas dos profissionais que trabalham com estas danças em Portugal e, por sua vez, que representações de África e das danças africanas estas práticas evidenciam.

Ao nível metodológico, constituiu-se como princípio orientador uma abordagem que não apenas trouxesse o meu olhar enquanto pesquisadora, mas que abrisse caminho para a "polifonia de vozes" (MATOS, 2006) e de situações que esta realidade abarca. Tendo por base questões orientadoras da pesquisa (DENZIN; LINCOLN *et al.* 2006), utilizamos uma metodologia de estudo de caso múltiplo (YIN, 2005), considerando como unidades de análise dois profissionais que trabalham com danças africanas em Portugal, sendo estudadas tanto as suas práticas artísticas como as práticas pedagógicas.

Este estudo insere-se no campo das pesquisas qualitativas, isto é, pesquisas que trazem como foco "a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais" (MINAYO, 1992, p. 22-23). Isto faz com que o âmbito não esteja tanto na mensuração, mas sim nas relações entre variáveis, nos dados qualitativos. Para tal, recorremos à metodologia de estudo de caso múltiplo, definido por Yin (2005) como uma investigação empírica que analisa fenômenos contemporâneos dentro do seu contexto da vida real. Precisamente por ser importante a análise

comparativa de diferentes casos dentro de uma mesma realidade, este estudo assume a forma de “estudo de caso múltiplo”.

As referências teóricas escolhidas permitiram um maior aprofundamento analítico, estabelecendo uma conexão entre a área da dança, da Sociologia e dos Estudos Culturais. Assim sendo, no aprofundamento da discussão do conceito de interculturalidade, as teorias de João Maria André (2005), Vera Candau (2000) e Reinaldo Fleuri (2001) tornaram-se mais significativas. Para falar sobre o tema da interculturalidade em Portugal escolhemos João Paulo Oliveira e Costa e Teresa Lacerda (2007) e sobre questões pós-coloniais na sociedade portuguesa Neusa Gusmão (2005). A par disso, algumas ideias de Boaventura Sousa Santos (1988; 2006; 2009) contribuíram bastante para esta pesquisa, especificamente conceitos-chave como “ecologia dos saberes”, conhecimento hegemónico/contra-hegemónico e suas discussões acerca do colonialismo e da identidade lusófona pós-colonial.

No campo dos estudos pós-coloniais, a abordagem que o sociólogo indo-britânico Hommi Bhabha (1998) propõe acerca dos efeitos da globalização e das implicações do colonialismo e pós-colonialismo nas noções de identidade e cultura. Perpassando estas temáticas, foi também crucial Stuart Hall (2006), nos seus estudos acerca da identidade cultural na contemporaneidade, isto é, do processo de crise das “velhas identidades” e do surgimento de novas identidades, como consequência das globalizações e das diásporas, e, em suma, do contato multicultural.

Para salientar a conexão entre estes temas e a área da dança, dialogamos com Christine Greiner (2007), já que esta apresenta “trocas culturais” como uma questão complexa no corpo que dança; Pegge Vissicaro (2004), no seu estudo da correlação do movimento e do corpo e a forma como indivíduos de diferentes culturas interagem; e também André Lepecki (2006), que aborda com bastante profundidade questões ligadas ao pós-colonialismo na dança.

Como complemento do arcabouço teórico, utilizamos a pesquisa documental (programas dos espetáculos, críticas publicadas) sobre o assunto e registros de vídeo dos grupos estudados, e, para a observação do caso, foi realizada uma pesquisa de campo em Porto e em Lisboa, Portugal, durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2010. A pesquisa de campo contou, então, com os seguintes instrumentos: observação *in loco* e registro em vídeo das aulas, dos ensaios e dos espetáculos dos dois profissionais selecionados; realização de entrevistas semiestruturadas com os dois professores, membros dos grupos

e praticantes das aulas; realização de entrevistas semiestruturadas com profissionais ligados ao meio das danças africanas em Portugal.

Diante de uma lacuna de produção textual sobre esta realidade em específico, este trabalho tem, também, o objetivo de contribuir para desenvolver a reflexão sobre o tema das danças africanas em Portugal, à luz de diversas áreas de conhecimento (Estudos Culturais, Sociologia, Antropologia, Pós-Colonialismo). É através destes múltiplos olhares epistemológicos que vamos melhor compreender o caleidoscópio da realidade em questão. Encarando que teoria e prática devem andar par a par, à medida que as questões forem surgindo, elas serão sustentadas e problematizadas por aportes téoricos e pelas falas dos sujeitos da pesquisa. Simultaneamente, vindo à luz em pleno 2011 Ano Internacional dos Afro-Descendentes, o presente estudo pretende ser matéria de interesse não só para a comunidade artística que trabalha com danças africanas, como também para agentes culturais, educadores ou profissionais em geral ligados ao campo das migrações e minorais étnicas.

Assim, no primeiro capítulo deste trabalho, começamos por levantar uma discussão sobre a noção de interculturalidade, ressaltando algumas ideias que devem estar em cena ao falar sobre este conceito. Passamos, depois, a explicar de que forma concebemos o tema da interculturalidade relacionado ao corpo, destacando o potencial da dança nas trocas interculturais.

Através de recortes históricos, o capítulo seguinte apresenta uma breve retrospectiva das relações culturais entre Portugal e certos países africanos, não só num momento passado como também num momento presente, de maneira a fornecer uma contextualização para o foco da pesquisa.

No capítulo terceiro entramos no tema específico das danças africanas em Portugal a partir dos anos 90. Essa delimitação temporal justifica-se por ser, recentemente, a época em que estas danças começaram a se fazer mais presentes em alguns contextos no país. Antes de elaborar uma breve descrição do meio das danças africanas no espaço português, achamos pertinente propor uma discussão sobre esse mesmo conceito, que tem estado tão envolto em generalizações e estereótipos.

Em “PluriÁfricas, pluridanças, plurivisões de mundo”, entrando já na descrição e análise dos dados de campo, vamos abordando cada caso em particular, a professora Eva Azevedo e o grupo Semente, e o professor Petchu e o grupo Kilandukilu, apresentando as principais questões suscitadas.

Retornamos, no quinto capítulo, aos questionamentos que se mostraram mais complexos e recorrentes, tendo a oportunidade de cruzar mais aprofundadamente análises próprias com as visões de diversos autores e, assim, problematizar diferentes contornos que assumem os diálogos entre estas culturas no campo das danças africanas em Portugal.

Por último, apresentamos as considerações finais acerca dos dados analisados anteriormente, apontando, na consequência, desdobramentos do estudo e propostas para o futuro, no âmbito deste assunto.